



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 11 | Nº. 21 | Jul./Dez. de 2019

Jorge Luiz Ferreira Lima

Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

jorgeluzflima@bol.com.br

UM PRELO E VÁRIAS DÍVIDAS: o espólio de Vicente Loyola. conflitos políticos, imprensa, história e memória em sobral entre 1910 e 1930.

RESUMO

Vicente Loyola e seu jornal O Rebate estão inseridos num contexto de conflitos e mudanças no cenário da imprensa sobralense, marcada pelas tensões políticas e a emergência de um discurso de viés liberal e republicano. Este trabalho pretende, pois, discutir o processo construção de uma memória deste jornalismo tido como combativo, mas que aplicou a Loyola o rótulo de inofensivo, infeliz, enfermo e negro, negando o poder de sua palavra.

Palavras-chave: Imprensa. Inventário. Memória. Tipografia. Escrita.

A PRELO AND SEVERAL DEBTS: the estate of Vicente Loyola. political conflicts, press, history and memory in sobral between 1910 and 1930.

ABSTRACT

Vicente Loyola and his newspaper The Rebate are inserted in a context of conflict and change in the scenario of Sobralense press, marked by political tensions and the emergence of a liberal and republican bias of speech. This paper aims, therefore, discuss the construction process of a memory of this journalism had as combative, but applied the label of Loyola harmless, unhappy, sick and black, denying the power of his word.

Keywords: Press. Inventory. Memory. Typography. Writing.

Introdução

O propósito deste trabalho é levantar reflexões em torno da relação entre imprensa e política, história e memória na cidade de Sobral a partir da segunda e terceira década do século XX, tomando como fio condutor a trajetória de Vicente Loyola, redator e proprietário do jornal *O Rebate*. Cabe ressaltar que não se trata de uma biografia deste jornalista, mas de um estudo mais centrado nos momentos finais de sua carreira, especialmente a partir de sua morte em 1919 e das questões surgidas em torno do processo de inventariamento de seus bens, sendo justamente neste ponto onde buscaremos mostrar o quanto o envolvimento de Vicente com os conflitos políticos acabou por marcá-lo até mesmo depois de sua morte. Ou seja, morreu o homem, mas os sentimentos que despertou em seus antagonistas tiveram uma sobrevida, motivando atos arbitrários e dando prolongamento ao conflito político partidário que marcou a cidade de Sobral no período em questão, conflito que teve entre seus momentos mais tensos o assassinato de outro jornalista: Deolindo Barreto Lima.

Vicente Loyola nasceu em 1873 na fazenda Tamanduá, zona rural da atual cidade de Forquilha/CE, situada a cerca de 18 quilômetros de Sobral e 208 de Fortaleza. Ainda menino, seguiu o caminho dos filhos de famílias razoavelmente abastadas e foi buscar trabalho nas casas comerciais de Sobral, esperançoso de fazer fortuna trabalhando como aprendiz de caixeiro de balcão¹. Conseguiu ser aceito na Loja Um Pouco de Tudo, de Ernesto Espiridião Saboia de Albuquerque, um rico comerciante e membro da família mais poderosa, tanto política quanto economicamente, da cidade de Sobral. Ali, entre uma tarefa e outra, o jovem Vicente experimentou a ambiência de uma casa comercial da virada do século, travando relações com pessoas ricas e tomando contato com livros e jornais.

Em meio à labuta comercial, introduziu-se no mundo da palavra escrita, penetrou na rede de comunicação impressa e manuscrita ali representada pelo trânsito dos livros e das mensagens telegráficas, cartas comerciais, almanaques, livros mercantis². Pena, tinta e papel, impresso e manuscrito passaram a fazer parte do cotidiano de Vicente, que já sabia ler e pode sorver do mundo do escrito. O resultado desta experiência letrada inicial – é razoável supor – manifestar-se-ia por meio do desejo, tornado mais forte num

¹ Sítio na internet do jornal *Correio da Semana* – www.jornalcorreiodasemana.com – acesso em fev. 2015.

² Sobre redes de comunicação em torno do impresso, ver DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In: *O beijo de Lammourette*: mídia, cultura e revolução. Trad.: Denise Bootmann. São Paulo: Cia das Letras, 2010, p. 122-149.

futuro próximo, de fundar um jornal, de escrever e ser lido, de exercer o poder da palavra escrita.

Se Vicente também sonhou com a prosperidade no ramo comercial, semelhante àquela vislumbrada na riqueza de seu empregador, este sonho foi acompanhado de muito trabalho e produziu alguns resultados que indicavam sua aproximação de uma condição de autonomia. Em 1899, conforme anúncios publicados no jornal *A Cidade*, montou em sua própria casa um estabelecimento comercial onde oferecia ao público tecidos, chapéus, doces, café, feijão mulatinho, carne, arroz, milho para plantar, biscoitos, açúcar e outras³. A esta altura, casou-se com Floresmina Cândido de Aguiar, com quem viria a ter seus três filhos. Sua relação com os proprietários do jornal *A Cidade* vinha dos tempos em que trabalhou na casa comercial do Coronel Antônio Regino do Amaral, liderança do Partido Republicano Federal em Sobral e opositor ferrenho ao presidente do Ceará, Antônio Pinto Nogueira Accioly. O Coronel Regino e seus filhos, o jovem bacharel Álvaro Ottoni do Amaral e Henrique Amaral adquiriram uma tipografia usada de José Vicente França Cavalcante, falecido naquele ano de 1899, na qual haviam sido impressos alguns jornais⁴.

Trabalhando por conta própria e valendo-se das boas relações com Antônio Regino do Amaral e seus filhos, Vicente tornou-se colaborador noticiário do jornal *A Cidade*, então um dos mais lidos de Sobral e da região servida pelos trens da Estrada de Ferro de Sobral. O cenário político tenso e a combatividade de Álvaro Ottoni e seus irmãos contra a oligarquia acciolina, o que rendeu processos judiciais e longos debates jurídicos onde o jovem bacharel pôde mostrar seu grau de conhecimentos, apesar da pouca idade, foram acompanhados por Vicente e, podemos supor, influenciaram sua já nascida fé na palavra escrita como arma na luta por mudanças políticas. Nasceu ali, na ambiência comercial e tipográfica, no contato com livros e o jornalismo, na escrita e na impressão e circulação, ou seja, em meio à instigante faina de produção de um jornal, o desejo do jovem pai de família e pequeno comerciante Vicente Loyola de lançar-se no mundo da palavra escrita, do periodismo, da imprensa.

O interregno entre os anos de 1900 e 1907 foi vivido por Vicente nesta ambiência, até conseguir neste último adquirir sua própria tipografia e iniciar a publicação de seu

³ Café de boa qualidade. Anúncios. *A Cidade*, Sobral, 08 mar. 1899, p. 4.

⁴ Esta tipografia encontra-se mencionada na lista de bens deixados por José Vicente França Cavalcante, avaliada na ocasião em Rs 1:000\$000 (um conto de réis). CCH (UVA/Sobral), NEDHIS (Núcleo de Estudos e Documentação Histórica), Fundo: Cartórios, Caixa: 1900, Autos do processo de inventário de José Vicente França Cavalcante.

próprio jornal: *O Rebate*⁵. O título não era original, mas dava o tom daquilo que seu proprietário pretendia que fosse: um instrumento de crítica e oposição à má política, à política oligárquica e corrupta, onde os valores republicanos eram transformados em mera retórica, prevalecendo as práticas da fraude eleitoral, distribuição de sinecuras aos parentes e agregados e o desvio do dinheiro público, enfim, a roubalheira institucionalizada.

Dono de uma escrita fluente e, até certo ponto, elegante, aprendida na prática e na ambiência comercial e tipográfica, bem como em suas horas de leitura, Vicente Loyola constitui-se num bom exemplo de adepto do melhor estilo panfletário⁶. Em seu primeiro número, o artigo de fundo delineava o programa a ser seguido e anunciava que:

O Rebate [...] não manterá ligações partidárias com quaesquer das aggremações, que actualmente se degladiam disputando a culminancia do poder. No entanto não se priva do direito de opinião politica e de manifestal-a livremente destas columnas, apreciando, com justiça, os homens e os factos, applaudindo-os ou censurando-os⁷.

Negando qualquer filiação partidária, Vicente Loyola pretendeu criar um jornal independente, não um órgão oficial de um partido, como era de praxe na imprensa de seu tempo e lugar. Antes d'*O Rebate*, praticamente nenhum jornal sobralense conseguiu consolidar-se e alcançar certa longevidade sem servir a um partido político. Neste sentido, buscava a autonomia, mas não negava a intenção de abordar assuntos ligados à política, denunciando não tratar-se de um redator alheio aos conflitos e tensões vividos na cidade naquele momento. Embora não tenha pretendido associar seu jornal a um partido, Vicente Loyola não tinha a intenção de ignorar a política ou tratá-la com desinteresse.

Ao longo dos anos que se seguiram, Vicente vivenciou a consolidação de seu jornal, mas fez valer intensamente aquele “no entanto” de seu programa, envolvendo-se em polêmicas, denunciando condutas e conquistando largo número de desafetos em

⁵ Também neste intervalo ocorreu o rompimento da amizade entre Vicente Loyola e Álvaro Ottoni do Amaral. Ao que tudo indica, a família Amaral dividiu-se politicamente após Álvaro aceitar o cargo de Promotor de Justiça em Fortaleza ofertado pelo presidente Accioly, sob a condição de este passar a apoiar a oligarquia acciolina. Vicente não perdoou esta “traição” e passou a atacar Álvaro Ottoni sistematicamente até a morte do bacharel em dezembro 1907. *O Rebate*, Sobral, 01 jan. 1908, p. 2.

⁶ De acordo com Marco Morel, o estilo panfletário tinha as seguintes características: “capacidade de convencer e atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, em situações específicas e circunstanciais, uma visão de mundo geral e definida”. MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs). *História da imprensa no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 37.

⁷ LOYOLA, V. *O Rebate*. *O Rebate*, Sobral, 20 abr. 1907, p. 1.

Sobral, os quais não hesitaram em atacá-lo fortemente, seja em seu próprio campo – a imprensa – ou partindo para a agressão física. Ao menos em três ocasiões, sofreu violência, seja em plena rua, ou mesmo no interior de sua residência. Neste ponto, a memória traçou uma figura quase caricatural de sua pessoa, sempre enfatizando suas características físicas denunciadoras de sua fragilidade, o caráter enfermigo e, com mais veemência, a cor parda/negra de sua pele. Mulato, Vicente teve de amargar o preconceito racial, argumento recorrente no jornal *Pátria*, órgão oficial do Partido Republicano Conservador em Sobral, entre os anos de 1910 e 1915. O redator deste último era o advogado Carlos Rocha.

Durante os conturbados anos de 1912 a 1914, quando o Ceará teve sua política convulsionada pela queda de Accioly, a eleição e rápida queda de Franco Rabelo e a intervenção de Setembrino de Carvalho, a cidade de Sobral, reduto do Partido Conservador, onde os acciolistas dominavam, foi marcada por vários conflitos, tanto armados como pelas páginas dos jornais. Neste cenário, Vicente Loyola ficou sob fogo cerrado do jornal *Pátria*, e também recebeu no próprio corpo algumas bordoadas, afinal política era assunto tão caro a ponto de justificar o recurso aos mais sórdidos expedientes.

Em meio àquela caudal de acusações, ameaças, calúnias e um incrível acirramento de ânimos de ambas as partes – especialmente da parte dos porta-vozes do Partido Republicano Conservador, inconformados por estarem “de baixo” - o jornal *Pátria* trouxe à tona todos os fatos que pudessem desabonar Vicente Loyola. Depois de uma sucessão de edições trazendo críticas e acusações, apresentadas como respostas aos artigos d'*O Rebate*, o *Pátria* trouxe em seu artigo de fundo um verdadeiro inventário de tudo o que tinha contra Vicente. Nada foi esquecido: as surras que lhe foram aplicadas – uma por Constantino Correia, outra por seu cunhado L. Aguiar, mais uma por Francisco Petronilho Gomes Coelho, outra por L. Cezar e uma última por Cezar Gomes. O motivo das agressões era sempre o mesmo: supostas calúnias publicadas na imprensa. Uma exceção apenas para a surra aplicada pelo cunhado, esta causada por suas agressões à esposa, Floresmina Candido de Aguiar Loyola, a quem o jornal *Pátria* afirma respeitar incondicionalmente⁸.

Para além das agressões físicas, a batalha no campo das letras se dava pelo esforço de desqualificação. Sempre era lembrada a suposta ascendência africana de

⁸ Verdades incontestes. *Pátria*, Sobral, 03 set. 1913, p. 1.

Vicente Loyola, bisneto de uma escrava chamada Mariasinha, mucama da casa de um certo Capitão Lyra, de Aracati, verdade que o *Pátria* afirmava poder comprovar com documentos. O que o jornal não explica é como os descendentes de tal escrava chegaram à região norte do Ceará. Se tal foi verdade, então Vicente Loyola por pouco não nasceu escravo, pois a Lei do Ventre Livre antecedeu seu nascimento em apenas dois anos, isso sem considerar a possibilidade de alguma das gerações de seus ascendentes posteriores à sua bisavó terem sido alforriados. O fato é que, sendo verdade ou não, procurava-se enodoar sua imagem, colocando-o como um “negrão infame” e “pasquineiro”.

O discurso desqualificador do jornal conservador em seus ataques ferozes a Vicente Loyola acabaram por ter um efeito reverso sobre a memória do jornalista, construindo a imagem de um homem de origem humilde, sem credenciais de família ou mesmo de raça – um pardo ou negro – que, à custa de seu talento e coragem conseguiu fazer carreira no jornalismo sobralense, meio dominado por uma elite culta, aristocrática, poderosa e dominadora. Este descompasso de forças ajudou a criar a imagem de um homem cujas condições financeiras sempre foram as piores, metido em intermináveis dívidas e às voltas com uma doença que lhe perseguiu até sua morte em 1919.

Por outro lado, a trajetória profissional de Vicente Loyola envolve sua afirmação como comerciante, após um tempo trabalhando como empregado de grandes casas comerciais de Sobral. Sua emancipação começa com a venda de artigos de armarinho e alimentos em sua própria residência, como já mencionamos. Ainda em 1899, Vicente Loyola publicou aviso no jornal *A Cidade* de que estava transferindo sua “modesta loja de fazendas” para a Praça do Mercado⁹. Dali por diante, dividiu seu tempo entre o trabalho no comércio e a colaboração na imprensa até chegar a 1907 quando iniciará a publicação d'*O Rebate*.

O ano de 1913 encontra Vicente Loyola feito deputado estadual, alinhado aos rabelistas. Um negro/pardo deputado e, ainda por cima, jornalista e proprietário de um jornal de grande circulação em Sobral pareceu algo intolerável à elite conservadora local. O esforço de desqualificação se deu por meio da construção de um discurso em torno da prepotência de Vicente, portador de tantos atributos negativos, ao se arrogar o direito de penetrar em terreno antes exclusivo dos letrados filhos de famílias poderosas da cidade.

⁹ Avizo. *A Cidade*, Sobral, 05 jul. 1899, p. 4.

Parece-nos que, para além da rivalidade política, temos no conflito entre os jornais *Pátria* e *O Rebate* uma disputa por espaço no campo intelectual cuja construção se esboçava naquele instante na cidade de Sobral, cuja posição de preponderância sobre os demais núcleos urbanos da região norte do Ceará já era inquestionável¹⁰. Numa cidade em processo de crescimento, modernidade e tradição confundiam-se no discurso jornalístico. Havia aqueles desejosos de manter uma hegemonia política há tempos estabelecida, agora ameaçada pela entrada em cena de elementos tidos como vindos de baixo, como Vicente Loyola e, pouco depois, o tipógrafo jornalista Deolindo Barreto Lima.

Numa cidade sertaneja ávida pela manutenção de uma memória construída em torno de um pretensível caráter aristocrático das famílias fundadoras, o desenvolvimento da imprensa, tido como evidência do progresso, ferramenta de civilização dos costumes e esclarecimento dos espíritos, acabou criando uma abertura para a entrada de elementos estranhos ao pequeno e restrito círculo de ricos, brancos e católicos. Com a entrada no século XX, a imprensa sobralense foi deixando de ser dominada pelos jovens bacharéis oriundos das tradicionais famílias e se tornando uma arena de lutas onde a coragem de elementos estranhos, como Vicente e Deolindo, acabou por criar fissuras naquele campo antes tão fechado e homogêneo.

Esta consolidação da imprensa foi possível graças ao aumento da demanda por serviços e materiais ligados ao mundo da impressão, ou seja, às tipografias, a verdadeira face empresarial dos jornais, responsáveis por proporcionar o necessário suporte financeiro à manutenção de um periódico em circulação. Desta forma, a montagem de tipografias constitui um esforço estratégico para aqueles que desejavam inserir-se no campo intelectual em construção. O crescimento econômico, especialmente no que tange à atividade comercial, foi abrindo um nicho de mercado para os empreendimentos gráficos. Impressão de cartazes, rótulos, cartões de todo gênero, convites, livros comerciais, formulários para o expediente de repartições públicas, enfim, uma gama imensa de serviços passaram a ser encomendados às oficinas tipográficas da cidade. Neste sentido, a montagem de uma tipografia não representava mais unicamente o sonho de publicar um jornal, mas constituía um negócio com sólidas possibilidades de lucro.

¹⁰ A noção de campo intelectual aqui utilizada é aquela apresentada por Pierre Bourdieu. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Vicente Loyola juntou suas economias e adquiriu equipamentos tipográficos e fundou seu jornal revelando o quanto um era estratégico para o outro. Jornal e tipografia sustentavam-se mutuamente. O primeiro fazia a divulgação da segunda enquanto tinha sua materialidade assegurada por ela. O jornal em si, enquanto produto da arte tipográfica, era o melhor atestado, a melhor propaganda da qualidade do material empregado e do talento do tipógrafo. Publicar o jornal era publicar o próprio trabalho tipográfico e, a depender dos juízos feitos pelo público, poderia funcionar como um atrativo para futuras encomendas de trabalhos gráficos diversos. Foi este o caminho trilhado por Vicente Loyola. *O Rebate* era impresso nas oficinas da Empresa d'*O Rebate*, como era chamada a tipografia, instalada à Praça de São Francisco¹¹.

Negócio dinâmico, as tipografias exigiam investimentos na aquisição de novos e modernos equipamentos à medida em que a demanda ia aumentando e, junto com ela, a concorrência. Em 1911, Vicente Loyola anunciou n'*O Rebate* a compra de três impressoras e um grande prelo Marinoni, e advertia a seus clientes quanto às imitações, afirmando ainda que seus preços eram os mais baratos ou “módicos”, como se dizia na época. O anúncio vale a transcrição:

O Rebate, impressões a preços mais que modicos! Material abundante e de primeira qualidade! Três machinas de impressão, inclusive um grande prélo do afamado fabricante 'MARINONI', de Paris! A secção de trabalhos avulsos está confiada á direcção de ARTISTA COMPETENTE. ABSOLUTA PONTUALIDADE – NOTA IMPORTANTE – Cuidado com as imitações! D'ora em diante, para evitar enganos, os nossos trabalhos levarão, em typos minusculos – corpo 7 – o distico: - TYP, D'O REBATE¹².

A esta altura, a empresa de Vicente Loyola já era estabelecimento consolidado. *O Rebate* já era reconhecido como um dos jornais mais lidos do interior do Ceará, causando forte incômodo ao redator e diretor do jornal rival. A concorrência entre as tipografias acirrava-se e Vicente teve de atualizar seu maquinário comprando um prelo de Paris. A tipografia do jornal *Pátria* havia realizado a impressão de alguns livros e anunciava de vez em quando a aquisição de novos equipamentos, prometendo aos clientes a melhor qualidade em seus trabalhos. O ramo tipográfico tornava-se concorrido, pelo que podemos considerar que o conflito entre Carlos Rocha e Vicente Loyola transbordava da política para o âmbito de suas atividades econômicas.

Os anos de 1911 a 1919 foram difíceis para Vicente Loyola. Respondeu a processos por calúnia, sua doença agravou-se, sua empresa tipográfica foi subsistindo

¹¹ *O Rebate*, Sobral, 20 abr. 1907, p. 1.

¹² *O Rebate*, Sobral, 20 abr. 1913, p. 4.

e, juntamente com ela, *O Rebate* continuou tendo seus leitores. No entanto, a situação de seu redator e proprietário foi se complicando. O homem que hoje acredita-se tenha vivido às voltas com sua fragilidade, levando surras e passando por constrangimentos por suas dívidas chegou ao dia 2 de novembro de 1919, dia de finados, quando faleceu, para alívio de seus desafetos. Restava uma última questão: o que seria feito de sua tipografia? Era preciso cuidar para que *O Rebate* não fosse mais publicado e os equipamentos não caíssem em mãos de rabelistas. Providenciar quanto a isto não seria difícil, uma vez que a justiça em Sobral estava nas mãos dos conservadores, mais precisamente do líder local do PRC, o Juiz da Comarca: Dr. José Saboia de Albuquerque.

Vicente Loyola saiu de cena num momento em que seu jornal enfrentava carga cerrada do jornal *A Ordem*, órgão oficial do Partido Republicano Conservador e sucessor do *Pátria*¹³. Seu inventário deu origem a uma acirrada polêmica na qual Deolindo Barreto Lima, por meio de seu jornal *A Lucta* questionou a maneira como foi feita a destinação do único bem deixado por Vicente: a sua tipografia, descrita nos autos do processo como “uma machina typographica systema Marinone, a em que era impresso o jornal 'Rebate' de propriedade do inventariado; cuja machina se acha em perfeito estado com todas suas peças e accessorios e os tipos de imprensa...”¹⁴. O juiz avaliou este bem em Rs 3:000\$000 (três contos de réis).

Após a avaliação, o bem foi destinado à hasta pública, ou seja, deveria ser leiloado para gerar o numerário necessário ao pagamento das custas do processo e a respectiva parte aos herdeiros. Neste ponto travou-se a polêmica entre os jornais *A Ordem* e *A Lucta*. Deolindo Barreto Lima acusou o Juiz de ter usado o processo de inventário de forma a impor o rebaixamento do preço da tipografia, uma vez que já estava garantida a venda do mesmo por Rs 4:000\$000 (quatro contos de réis). O jornal *A Ordem* respondeu afirmando que tal transação se daria de forma ilegal, uma vez que era proibida a venda de bens pertencentes a espólios cujos herdeiros fossem menores, sem passar pelo processo de inventariamento. Segundo Deolindo, a intimação feita pelo Juiz à viúva de Vicente Loyola para que a mesma comparecesse a juízo para dar andamento ao processo de inventário foi feita com o único fim de “embaraçar” a venda do prelo, já acertada com alguns “rabelistas”, amigos do falecido¹⁵.

¹³ O jornal *Pátria* teve sua publicação suspensa em 1915 por motivo por nós ignorado.

¹⁴ CCH (UVA), NEDHIS, Fundo: Cartórios, Caixa: 1920. Auto do processo de inventário de Vicente Loyola, f. 10v.

¹⁵ Pombas sem fél. *A Ordem*, Sobral, 16 abr. 1920, p. 1.

A *Ordem* ainda questionava a razão pela qual os rabelistas teriam deixado de arrematar a tipografia por ocasião da primeira hasta pública, levada a efeito no dia 29 de março de 1920¹⁶ quando o preço inicial foi aquele da avaliação, ou seja, Rs 3:000\$000 (três contos de réis). Seguiram mais duas tentativas de arrematação do bem: uma no dia 09 de abril de 1920, sendo o preço inicial rebaixado para Rs 2:700\$000 (dois contos e setecentos mil réis)¹⁷ e uma terceira e última no dia 22 de abril do mesmo ano, quando a tipografia finalmente foi arrematada pelo valor de Rs 2:300\$000 (dois contos e trezentos mil réis) por José Frota Portela¹⁸.

Vicente Loyola ainda deixou dívidas que chegaram ao total de Rs 1:871\$000 (um conto e oitocentos e setenta e um mil réis). Por meio dos documentos comprobatórios anexados aos autos do inventário, pudemos saber quem foram seus credores e qual o objeto de tais débitos. Rs 100\$000 (cem mil réis) eram devidos à casa de R. M. Frota & Cia pela compra de quatro resmas de papel para impressão¹⁹; ao comerciante importador João Pontes, de Massapê, devia a quantia de Rs 600\$000 (seiscentos mil réis), dos quais Rs 100\$000 (cem mil réis) foram entregues a R. M. Frota & Cia, provavelmente em pagamento de outra dívida, anterior à mencionada nos autos²⁰; e a Pudenciana Miranda de Paula de Andrade, a quantia de Rs 210\$000 (duzentos e dez mil réis) referente ao aluguel da casa onde morava, conforme documento apresentado por seu procurador Antônio Pereira de Menezes²¹.

Os demais credores não enviaram recibos ou qualquer outro documento que pudesse ser anexado aos autos, mas a listagem de bens e dívidas e o balancete final do inventário permitem saber que se tratava dos seguintes: a José Figueira de Saboia e Silva, devia a quantia de Rs 560\$000 (quinhentos e sessenta mil réis); a Luiz Carneiro, comerciante em Massapê, a quantia de Rs 380\$000 (trezentos e oitenta mil réis); a Godofredo Rangel, comerciante em Sobral, a quantia de Rs 66\$000 (sessenta e seis mil réis); e ao Colégio Diocesano Sobralense, a quantia de Rs 85\$000 (oitenta e cinco mil réis)²².

¹⁶ CCH (UVA), NEDHIS, Fundo: Cartórios, Caixa: 1920. Auto do processo de inventário de Vicente Loyola, f. 33.

¹⁷ Id. ibidem, f. 40.

¹⁸ Id. ibidem, f. 47-48.

¹⁹ Id. ibidem, f. 18.

²⁰ Id. ibidem, f. 21.

²¹ Id. ibidem, f. 26.

²² Id. ibidem, f. 11.

O inventário de Vicente Loyola é um documento que suscita muitas perguntas. Não vamos repetir o velho bordão afirmador da aridez deste tipo de fonte, como que para se esquivar das dificuldades impostas à sua análise e compreensão. Ao chegar ao final do processo, deparamo-nos com um documento emblemático: o balanço do inventário, assinado pela contador interino, A. Pereira de Menezes. E é exatamente neste documento final que o processo revela um lado bastante problemático, pois nos parece claramente que as contas ali registradas foram manipuladas de forma que o valor auferido a título de receita, resultado da venda do prelo Marinoni fosse exatamente igual ao montante das dívidas arroladas. Em outras palavras, o valor pelo qual foi arrematada a tipografia de Vicente Loyola – Rs 2:300\$000 (dois contos e trezentos mil réis) – acabou por ser exatamente igual ao acumulado das despesas do processo, sendo o saldo final igual a zero, nada ficando para ser repartido entre os herdeiros, o que se pode verificar na tabela abaixo:

Tabela 1: Balanço do inventário de Vicente Loyola

<i>Discriminação</i>	<i>Contas a pagar</i>	<i>Vr. depositado</i>
Importância do produto da arrematação		2.300.000
Custos do inventário	299.000	
Conta de R. M. Frota	100.000	
Conta de João Pontes	600.000	
Conta de José Figueira de Saboya e Silva	560.000	
Conta de Luiz Hardy	380.000	
Conta de D. Pudenciana Andrade	210.000	
Conta do Colégio Diocesano	85.000	
Conta de F. Godofredo Rangel	66.000	
	2.300.000	Saldo = 0

Fonte: elaboração do autor com base na folha 51v dos autos do inventário de Vicente Loyola.

As dívidas deixadas pelo tipógrafo e jornalista Vicente Loyola, agora defunto, nos parecem ter sido juntadas às custas do inventário de forma a tornar nulo o valor a ser partilhado por seus herdeiros. Dizendo melhor: uma vez convertida em moeda, a tipografia foi anulada, consumida no pagamento de contas, impossibilitando até mesmo o uso do produto de sua venda em algo que pudesse redundar em algum aproveitamento

aos descendentes de Vicente. A luta saiu dos domínios da política e deixou de ser levada a efeito na arena jornalística, na imprensa, e passou para o domínio da memória. O primeiro passo para neutralizá-lo neste domínio seria impedir o prosseguimento das atividades de sua tipografia e a publicação do seu jornal. Não sabemos se Floresmina Candido de Aguiar teria alimentado tal projeto, o que não nos parece fazer nenhuma diferença, uma vez que, independentemente de alguma intenção que porventura venha a ter alimentado neste sentido, o silenciamento, o desfazimento da tipografia d'*O Rebate* foi providenciado por meio do processo de inventário.

É preciso lembrar um detalhe importante já mencionado neste trabalho a partir de nossa leitura do jornal *A Ordem*: havia, antes da abertura do inventário, uma negociação em andamento entre a viúva e certos “rabelistas” da cidade interessados na aquisição da tipografia, pela qual ofereceram o valor de Rs 4:000\$000 (quatro contos de réis).

A tipografia, entendida como suporte material do jornal, ferramenta de materialização da temida palavra escrita de Vicente Loyola, passou a representar um risco para seus adversários diante da possibilidade de continuar em operação, possivelmente servindo a um jornal oficial do Partido Democrata em Sobral. Naquele ano de 1919, em que a presidência do Ceará estava nas mãos de um democrata sobralense – o engenheiro João Thomé de Saboia e Silva – era preciso cuidar para que a cidade não viesse a perder sua condição de reduto do Partido Republicano Conservador, condição mantida graças ao fato de uma das maiores autoridades locais – o Juiz da Comarca – ser uma das lideranças locais do PRC. Tal luta dava-se muito especialmente por meio do duelo jornalístico. Penas e prelos em disputa por leitores. Do lado conservador, *A Ordem*, contestando as críticas que partiam d'*O Rebate*, de Vicente Loyola, e d'*A Lucta*, de Deolindo Barreto. Os dois últimos não se assumiam como órgãos oficiais de nenhum partido, mas sua postura crítica lhes valia o estatuto de adversários políticos aos olhos dos conservadores.

O combate por meio da palavra impressa se espalhava por outros âmbitos, chegando ao cúmulo das agressões físicas e atentados violentos e, às vezes, assassinatos. Também se fazia sentir na concorrência entre as tipografias e na disputa pelas assinaturas dos jornais. Desta forma, quando Vicente Loyola sucumbiu em novembro de 1919, os conservadores passariam a ter um adversário a menos para se ocupar, isto se cuidassem rapidamente para que sua tipografia – com o moderno prelo Marinoni – não passasse às mãos dos adversários e ensejasse, quem sabe, a publicação

de um órgão oficial dos democratas, o que poderia contribuir em muito para agravar a já complicada situação eleitoral do PRC na região norte do Ceará.

Diante de tal cenário, o processo de inventário deixa de ser um simples procedimento jurídico-administrativo necessário ao encaminhamento da partilha de um espólio, convertendo-se em meio para se agir sobre uma memória que ameaçava construir-se em torno de um jornalista combativo, atacado, perseguido e vítima de violência física em várias ocasiões. Vicente Loyola, ou a imagem que já se pintava de sua pessoa, representava um perigoso amálgama de características potencialmente geradoras de memórias hagiográficas: pobreza e padecimentos, estes resultantes de sua saúde precária e das inúmeras perseguições sofridas, tudo causado pelo poder de sua escrita, capaz de conquistar grande volume de leitores para seu jornal. Morto este homem, era chegada a hora de esta memória se levantar, ganhar força e cristalizar-se numa cidade que já se mostrava bastante sensível ao poder da palavra escrita. Aos seus adversários era evidente que tal memória devia ser destruída em seu nascedouro e, para tanto, se fazia indispensável a desmontagem do aparato técnico que durante doze anos permitiu a materialização da palavra de Vicente Loyola: a tipografia. Desviá-la de seu caminho rumo às mãos dos rabelistas era essencial. A este propósito parece-nos ter servido o processo de inventário.

O combate à palavra de Vicente Loyola se deu pelo largo uso de artifícios de desqualificação de sua pessoa, conforme já assinalamos. Sua ascendência negra foi invocada neste sentido, bem como sua fama de caloteiro, as surras que levou publicamente e as acusações de violência contra a própria esposa. Desqualificá-lo em vida equivalia a desqualificar sua palavra. Após sua morte, foi preciso agir no sentido de evitar a eclosão de uma memória que se poderia construir com base nesta mesma palavra, materializada nas páginas do jornal impresso. Embora este tenha sido interrompido, a possibilidade de compra da tipografia pelos rabelistas deixou alerta os adversários de Vicente. Ele mesmo não representava mais nenhum perigo, mas aquela palavra escrita saída de sua pena ainda podia circular. O processo de desqualificação precisava continuar, agora por meio de um discurso mais brando, mas igualmente contundente para os domínios da memória.

Demonstrando o respeito que se deve aos defuntos, especialmente àqueles que, em vida, se tornaram conhecidos e gozaram de certa importância, *A Ordem* inaugurou seu novo discurso com relação a Vicente Loyola com uma nota assinalando seu falecimento transcrita a seguir:

Victima de antigos padecimentos falleceu, á tarde de domingo ultimo, nesta cidade, o Snr V. Loyola, tendo sido improficuo todo o emprego da sciencia em salvá-o. Dedicara uma longa existencia ao labor do jornalismo desta terra e era o redactor e proprietario d' 'O Rebate', semanario que ia no seu decimo terceiro anno de existencia. O seu enterramento teve logar na manha seguinte. Enviamos os nossos pesames à sua numerosa família²³.

A leitura da nota, revestida de certa formalidade, esconde o que viria a ocorrer após o sepultamento daquele corpo escrevente. A viúva, preocupada com as dívidas e com o sustento dos três filhos²⁴, apresentou ao Juiz da Comarca um requerimento onde afirmava a iminente necessidade de vender a tipografia, pois já tinha “se utilizado dos poucos farellos que existiam”²⁵, dando a entender a dificuldade financeira em que se encontravam. Por um providencial zelo para com o cumprimento da lei, o Juiz negou o “extravagante requerimento” e intimou a viúva para “dar bens a inventário”²⁶. Quando um historiador se depara com um depoimento desta natureza, não pode deixar de notar o silêncio a que se vê relegado o sofrimento daquela mulher, numa sociedade onde o sustento da família ainda era prerrogativa quase que exclusiva do pai/marido e, uma vez faltando este, não havia onde procurar auxílio a não ser entre os familiares.

Floresmina Candido de Aguiar Loyola, premida pelas dívidas deixadas pelo marido, não podia contornar a necessidade urgente de desfazer-se daquele bem por ele almejado e conquistado depois de bom tempo de trabalho. Se o prelo e acessórios fosse vendido pelos Rs 4:000\$000 (quatro contos de réis) poderia garantir alguns dias de tranquilidade para a família após descontados os Rs 1:871\$000 (um conto e oitocentos e setenta e um mil réis) de dívidas deixadas pelo falecido. Neste ponto, o processo de inventário teve a nefasta consequência de reduzir quase pela metade o preço inicial do bem. Ao ser arrematado pelo valor de Rs 2:300\$000 (dois contos e trezentos mil réis), foi suficiente apenas para cobrir as dívidas já conhecidas e os Rs 299\$000 (duzentos e noventa e nove mil réis) relativos às custas do processo.

Para defender-se das críticas d'*A Lucta*, *A Ordem* questionava os rabelistas sobre o motivo de não terem arrecadado a prelo de Vicente Loyola por ocasião do primeiro leilão, quando o valor do lance inicial foi fixado pelo Juiz em Rs 3:000\$000 (três contos de réis), valor inferior em um conto à proposta inicialmente feita à viúva antes da abertura

²³ Fallecimentos. *A Ordem*, Sobral, 07 nov. 1919, p. 4.

²⁴ Os filhos de Vicente Loyola e Floresmina Candido de Aguiar Loyola eram: Maria Loyola, de 19 anos; Rosarinha Loyola, de 16 anos; e José Loyola, com 14 anos. CCH (UVA), NEDHIS, Funto: Cartórios, Caixa: 1920, autos do processo de Inventário de Vicente Loyola, f. 3v.

²⁵ Pombas sem fél. *A Ordem*, op. cit.

²⁶ Id. *ibidem*.

do processo de inventário. Virando o jogo, *A Ordem* acusa os rabelistas de terem se aproveitado da ocasião e propositalmente deixado de comparecer à primeira e segunda praça, esperando de forma maldosamente oportunista o rebaixamento dos lances iniciais. A citação abaixo foi publicada na edição de 16 de abril de 1919, quando ainda não se havia realizada a terceira tentativa de arrematação da tipografia, e *A Ordem* aproveita para provocar os interessados. Vejamos:

Hyenas não são, assim, os que mourejam na justiça de Sobral, mas as *pombas sem fél* com quem estavam negociadas as respectivas oficinas por quatro contos, as quaes, ao envez de *generosamente* as arrematarem na primeira praça por esta quantia, estão perversamente aguardando a terceira e última praça para as adquirirem por qualquer bagatella. Se as *pombas* não querem ser hyenas, ainda é tempo de dar quatro contos pelas oficinas do 'Rebate' na próxima e ultima praça²⁷.

Palco de grandes embates, lugar de virulentas polêmicas, a imprensa sobralense naquele final da segunda década do século XX sofria uma rápida mudança provocada pela morte de Vicente Loyola e a suspensão da publicação d' *O Rebate*, o que abria uma perspectiva razoavelmente animadora aos conservadores, aglutinados no jornal *A Ordem*. Dali por diante não teriam mais de combater dois adversários ao mesmo tempo, mas poderiam concentrar sua artilharia impressa num único alvo: o jornal *A Lucta*, do tipógrafo Deolindo Barreto Lima. E é contra este que foi escrito o artigo de que nos temos servido nas últimas citações, suficientes para perceber que o objeto de disputa havia mudado. Os dois jornais encontram-se, após a morte de Vicente Loyola, em disputa para ver quem melhor defende sua família. Enquanto Deolindo acusava os conservadores de terem prejudicado a primeira negociação de venda da tipografia, a qual resultaria na obtenção de preço vantajoso, *A Ordem* retruca acusando os rabelistas de estarem se aproveitando da tramitação do processo de inventário para adquirirem o mesmo bem por um preço bem abaixo do que aquele inicialmente combinado. Neste sentido, a imposição do inventário à viúva, considerada arbitrária por Deolindo Barreto, figura como uma atitude de proteção da parte da autoridade judiciária para com a viúva e os órfãos ante a ganância e astúcia dos rabelistas ávidos por colocar as mãos naquele valioso prelo.

Reforça-se, assim, com larga contribuição da imprensa de ambos os lados, uma memória em torno da figura de Vicente Loyola marcada por sua caracterização enquanto homem pobre, vítima da persistência de uma doença nunca revelada nas fontes, talvez nem mesmo conhecida pelos médicos que o assistiram. Morto o jornalista e encerrado o

²⁷ Id. *ibidem*. Itálicos no original.

jornal, começa a esboçar-se esta memória que tratou de relegar-lhe um lugar de vítima da própria vida, da própria maneira de fazer jornal, da própria escrita. Depois de morto, de repente Vicente Loyola tornou-se inofensivo, vitimizou-se. *A Ordem* passou a referir-se a ele como “o infeliz Vicente Loyola”, revelando que o discurso do ataque fora substituído por um discurso da piedade e comiseração para com o inimigo derrotado, agora incapaz de fazer qualquer mal.

O morto adquiriu sua “beleza” e, embora continuasse a ser negado, já não mais se mostrava tão ameaçador²⁸. Ainda era preciso combatê-lo, mas agora tal combate transferia-se para o âmbito da memória. Para os conservadores e seu jornal, havia agora que se preocupar com o crescimento e consolidação do jornal *A Lucta* que passara a circular duas vezes por semana desde do dia 1º de janeiro de 1920. Seu redator gozava de perfeita saúde e mostrava uma disposição para o confronto bem maior do que aquela do enfermo Vicente Loyola. Sem poder contar com o auxílio da moléstia, restou o recurso aos revólveres, instrumento infalível na eliminação de Deolindo Barreto em 1924, em mais um capítulo na história da imprensa e dos conflitos políticos na região norte do Ceará²⁹.

Pelo caráter dramático de suas circunstâncias, a morte de Deolindo Barreto foi constituída em acontecimento fundador de uma memória em torno de sua pessoa e do jornalismo político da cidade de Sobral e do Ceará. O anseio por justiça em face de um ato tão brutal cometido por indivíduos claramente beneficiados pela proteção do poder judiciário local, controlado pelo Partido Republicano Conservador, levou a viúva e os filhos do jornalista assassinado a iniciarem uma batalha no campo da memória, esforçando-se por reforçar a imagem do homem corajoso que morreu por escrever a verdade, denunciando os desmandos políticos em seu jornal. Rapidamente, Deolindo foi convertido numa espécie de mártir do jornalismo sobralense.

Impulsionados pelo exemplo de coragem de Deolindo e vendo-se sem ninguém para representá-los na imprensa, os democratas iniciaram a publicação do jornal *A Imprensa*, órgão oficial daquele partido, impresso nas oficinas d'*A Lucta*. Desta vez,

²⁸ A noção de “beleza do morto” vem de Michel de Certeau no ensaio “A beleza do morto”, onde discute o silenciamento do popular nos estudos científicas e na esfera da cultura erudita. DE CERTEAU, Michel. *A beleza do morto*. In: *Culturas no plural*. 5 ed. Trad.: Enid Abreu Dobránszky. Campinas/SP: Papirus, 1995, p. 55-85.

²⁹ Sobre a trajetória de Deolindo Barreto, ver SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos políticos e morte. A experiência política de Deolindo Barreto, Sobral (1908-1924)*. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2005.

morto o jornalista, a tipografia sobreviveu, embora por pouco tempo. A viúva, Maria Brasil Barreto Lima, e o filho mais velho, Jocelin Brasil Barreto Lima, assumiram o comando das oficinas, cujos equipamentos permaneceram reunidos e em funcionamento, conforme anúncio n'*A Imprensa*³⁰.

O inventário de Deolindo Barreto Lima reforça a ideia de pobreza dos jornalistas sobralenses. À semelhança de Vicente Loyola, fez da tipografia e do jornal suas principais fontes de renda, mas, enquanto o último morreu saturado por dívidas, o primeiro deixou a importância de Rs 1:000\$000 (um conto de réis) em ações do Banco de Crédito Agrícola de Sobral e “uma officina Typographica”, avaliada pelo Juiz em Rs 980\$000 (novecentos e oitenta mil réis)³¹. Não é possível saber quais eram os equipamentos que compunham a tipografia em questão, mas chama a atenção o baixo valor de avaliação. Talvez por não haver dívidas a serem pagas com o montante do processo, ou para prejudicar uma possível tentativa de venda, a autoridade judiciária atribuiu um valor ínfimo aos equipamentos, se comparada à avaliação da tipografia deixada por Vicente Loyola. Teria Deolindo Barreto preferido investir em ações, pensando em garantir o futuro dos filhos, ao invés de melhorar sua tipografia? Não sabemos.

Se a morte tornou Vicente Loyola inofensivo, encerrando seu jornal e sua tipografia, extinguindo sua escrita e aposentando sua pena, convertendo-o de crítico impertinente e virulento em indivíduo pobre, digno de pena, enfermo e endividado, no caso de Deolindo Barreto, por força de uma memória que eclodiu pela força da cruzeza de um assassinato, a morte foi o passo inicial para a construção de uma memória martirológica. Um homem que pagou com a própria vida por ter ousado escrever denunciando as injustiças locais, antepondo-se à uma elite política detentora de considerável poder econômico e não menor influência social.

Covardemente destroçado por seus adversários, Deolindo foi transformado em uma espécie de mártir, seu jornal foi publicado ainda depois de sua morte, numa única edição dedicada à sua memória, onde a descrição da cena de seu falecimento funciona como a fundação de um esforço de construção de uma memória que viria a marcar a política sobralense da primeira década do século XX. O vulto do jornalista assassinado em plena Câmara Municipal, num dia de eleição no mês de junho de 1924 passou a fazer

³⁰ *A Imprensa*, Sobral, 26 nov. 1924, p. 3.

³¹ CCH (UVA), NEDHIS, Fundo: Cartórios, Caixa: 1924. Autos do processo de inventário de Deolindo Barreto Lima, f. 5.

parte do imaginário local, como uma espécie de nódoa na história política de uma cidade sertaneja cuja arrogância pretensamente aristocrática teria de se acostumar a conviver, nos domínios da memória, com uma figura tão incômoda.

A marcha da memória, em suas intencionalidades e artimanhas, acabou por diluir a figura martirológica de Deolindo Barreto. Atualmente, convertido em uma espécie de filho ilustre do Sobral, após gerações de sua família terem se envolvido na política local, muitas vezes em alianças com os descendentes de seus antigos antagonistas e algozes, Deolindo Barreto tem seu nome atribuído a uma das ruas centrais da cidade e seu busto erguido na praça que ladeia o prédio da Câmara Municipal. Seu jornalismo combativo foi relegado ao esquecimento.

Vicente Loyola, por sua vez, não teve morte tão espetacular e, tão logo exalou o último suspiro, deixou de ser ameaça, tendo sua tipografia rapidamente silenciada. Não demandou um trabalho de memória tão intenso quanto Deolindo, caindo num quase completo esquecimento muito rapidamente. Atualmente, seu nome acha-se atribuído a uma rua no bucólico bairro Campo dos Velhos, em Sobral, e a uma outra na vizinha cidade de Forquilha.

Bibliografia

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto; LIMA, Jorge Luiz Ferreira. *História, imprensa e redes de comunicação. História & Perspectivas*. Uberlândia, nº 39, p. 37-57, jul-dez. 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas vol 1**: magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11 ed. Trad.: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Economia das trocas simbólicas**. Trad.: Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs). **Passados recompostos**: campos e canteiros da História. Trad.: Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

BRASIL, Jocelyn. **Andanças e lembranças**. 2 ed. Belém: Edições Aleutianas, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2 ed. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A cultura no plural**. Trad.: Enid Abreu Dobránszky. Campinas/SP: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2 ed. Trad.: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana (1890-1915). São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial SP, 2000.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lammourette**: mídia, cultura e revolução. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

FENELON, Dea Ribeiro. *Cultura e História Social*: historiografia e pesquisa. **Projeto História**. São Paulo (10), dez, 1993, p. 73-90.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HOBBSAWM, Eric. J. **Sobre História**. Trad.: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad.: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Trad.: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Proj. História*. São Paulo, nº 17, p. 63-201, nov/1998.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs). **História da imprensa no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *A história, cativa da memória?* **Inst. Est. Bras.** São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Jorge Luiz Ferreira Lima

Possui graduação em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2007), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (2011) e doutorado em História Social pela mesma universidade (2018). Atualmente, é professor efetivo da rede estadual de ensino do Ceará. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio e Memória (UFC/CNPq) e possui experiência nos seguintes temas: história da leitura, cidade, memória e imprensa.
